

A reconfiguração da memória do Holocausto em HQ: uma análise discursivo-foucaultiana da adaptação de “Anne Frank”

The Reconfiguration of Holocaust memory in graphic novels: a discursive-foucauldian analysis of the adaptation of “Anne Frank”

 João Victor Cavalcante

 José Domingos

Resumo: Este ensaio analisa a adaptação em histórias em quadrinhos (HQ) do *Diário de Anne Frank* como uma prática discursiva que reconfigura a memória do Holocausto e a subjetividade da protagonista. Ancorando-se nos postulados de Michel Foucault (2008, 2013, 2014) sobre discurso, poder-saber e subjetividade, e na teoria da adaptação, Hutcheon (2013), o trabalho analisa como a HQ transcende a mera reprodução do testemunho original, atuando na construção de regimes de verdade sobre o genocídio e na materialização visual das experiências de confinamento e resistência. Demonstra-se que a linguagem visual e textual dos quadrinhos – por meio de enquadramentos que sugerem aprisionamento, contrastes cromáticos que simbolizam o trauma e contradiscursos explícitos (como as perguntas sobre a injustiça da persegui-

João Victor Cavalcante. Graduado em Letras - Português pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: joao.cavalcante@aluno.uepb.aluno.br

José Domingos. Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba, Professor da Faculdade de Linguística, Letras e Artes da UEPB e do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores. E-mail: domingosuepb@gmail.com

ção) – intensifica a experiência do leitor e posiciona Anne Frank como um sujeito constituído pelas relações de poder, mas também capaz de uma *prática de si* resistente. A análise evidencia a HQ como um potente artefato cultural que, ao recriar a narrativa do diário, promove uma memória ativa e crítica, contribuindo para a conscientização sobre os mecanismos de violência histórica e ideológica que, lamentavelmente, ainda ecoam no presente.

Palavras-chave: Anne Frank; Histórias em Quadrinhos; Discurso; poder; subjetividade.

Abstract: This essay investigates the graphic novel (HQ) adaptation of The Diary of Anne Frank as a discursive practice that reconfigures the memory of the Holocaust and the protagonist's subjectivity. Anchored in Michel Foucault's (2008, 2013, 2014) postulates on discourse, power-knowledge, and subjectivity, and Linda Hutcheon's (2013) adaptation theory, the study analyzes how the graphic novel transcends mere reproduction of the original testimony, actively contributing to the construction of truth regimes about the genocide and the visual materialization of experiences of confinement and resistance. It demonstrates that the visual and textual language of comics – through framing suggesting imprisonment, chromatic contrasts symbolizing trauma, and explicit unjust-discourses (such as questions about the injustice of persecution) – intensifies the reader's experience and positions Anne Frank as a subject constituted by power relations, yet capable of a resistant practice of the self. The analysis highlights the graphic novel as a powerful cultural artifact that, by re-creating the diary's narrative, promotes an active and critical memory, contributing to awareness of historical and ideological violence mechanisms that, unfortunately, still resonate today.

Keywords: Anne Frank; Graphic Novels; Discourse; power; subjectivity.

Introdução

O Diário de Anne Frank, originalmente intitulado *Het Achterhuis* (O Anexo Secreto), constitui um dos mais pungentes e amplamente difundidos relatos autobiográficos sobre a Segunda Guerra Mundial e o Holocausto. Escrito entre 12 de junho de 1942 e 1º de agosto de 1944 por Anne Frank, uma jovem judia que viveu escondida com sua família em Amsterdã para escapar da perseguição nazista, a obra foi publicada postumamente em 1947 por seu pai, Otto Frank, o único sobrevivente do grupo. Rapidamente, o diário transcendeu a esfera de um registro pessoal, tornando-se um testemunho universal não apenas da barbárie histórica, mas também da resiliência humana diante da opressão, capturando o cotidiano, os medos e os sonhos de uma adolescente em busca de liberdade e justiça.

A perpetuação e ressignificação de memórias traumáticas, como as do Holocausto, ocorrem por meio de diversas linguagens e suportes. Neste trabalho, o foco recai sobre a adaptação em histórias em quadrinhos (HQ) do “Diário de Anne Frank”, que busca preservar a essência do testemunho histórico ao mesmo tempo em que emprega recursos visuais e narrativos inerentes ao gênero para potencializar emoções e significados. Essa transposição de mídia oferece uma lente privilegiada para explorar novas camadas discursivas e simbólicas do relato original, inserindo-o em um novo contexto de recepção e interpretação.

Diante desse panorama, o presente ensaio propõe uma análise discursivo-foucaultiana da HQ “Anne Frank” (Agrimbau; Mezquita, 2020), com o objetivo de investigar como essa adaptação, enquanto prática discursiva, reconfigura a memória do Holocausto e constrói a subjetividade da protagonista, Anne Frank, em face das relações de

poder e saber que permearam o período nazista. Argumenta-se que a HQ não se limita a recontar a história, mas reinscreve significados e relações de poder, atuando como um instrumento de rememoração do trauma e de resistência simbólica, capaz de incitar a reflexão crítica sobre os mecanismos de violência histórica e ideológica.

Para sustentar esta análise, o trabalho será fundamentado em duas abordagens teóricas complementares. Primeiramente, a obra de Linda Hutcheon (2013), “Uma teoria da adaptação”, oferecerá as bases para compreender a adaptação não como uma mera cópia ou tradução, mas como um processo criativo e cultural de recriação que dialoga com diferentes formas artísticas e discursivas. Em segundo lugar, os postulados de Michel Foucault (2008; 2013), especialmente seus conceitos de discurso, poder-saber e subjetividade, serão empregados para investigar como a HQ se configura como uma prática discursiva, contribuindo para a construção de regimes de verdade sobre a violência nazista e os modos de subjetivação presentes na obra.

A estrutura deste ensaio está organizada da seguinte forma: após esta introdução, a seção “Fundamentação teórica e metodológica”, apresentará e aprofundará os conceitos foucaultianos de discurso, poder e subjetividade, bem como a teoria da adaptação de Hutcheon, explorando a intersecção entre essas abordagens e detalhando a metodologia de análise. A seção seguinte, “Análise discursivo-foucaultiana da HQ ‘Anne Frank’”, dedicar-se-á à análise propriamente dita de excertos visuais e textuais da HQ, demonstrando como a obra reconfigura a memória e a subjetividade de Anne por meio de suas escolhas estéticas e narrativas. Por fim, “Considerações finais”, sintetizará os achados da pesquisa, reforçará a tese central e discutirá as implicações mais amplas do estudo para os campos da intermedialidade, dos estudos do Holocausto e da Análise do discurso.

Fundamentos teóricos e metodológicos

A análise da HQ “Anne Frank” enquanto reconfiguração da memória do Holocausto e da subjetividade da protagonista exige um arcabouço teórico que permita explorar as complexas intersecções entre o texto original, sua adaptação visual e as dinâmicas de poder e construção de sentido. Para tanto, este estudo se alicerça nas contribuições de Michel Foucault, com sua teoria do discurso e do poder-saber, e de Linda Hutcheon, com sua abordagem sobre a adaptação como um processo criativo e interpretativo.

○ Discurso, o poder e a subjetividade

Michel Foucault (1926-1984) estabeleceu um ponto de inflexão na forma como compreendemos as relações entre conhecimento, poder e a constituição dos sujeitos. Para o filósofo francês, o discurso não é meramente um conjunto de palavras ou enunciados que descrevem uma realidade preexistente; ao contrário, o discurso é uma prática produtora de realidades, um sistema de condições e regras históricas que determinam o que pode ser dito, pensado e, conseqüentemente, o que pode ser considerado “verdade”. Em *A Arqueologia do Saber* (2008), Foucault argumenta que os discursos são “práticas que formam os objetos dos quais falam”. Eles estabelecem um campo de possibilidades para a produção de sentidos, definindo os limites do pensável e do dizível em um dado período histórico.

No contexto da análise do Holocausto e de seu testemunho, a compreensão foucaultiana do discurso é fundamental. A perseguição aos judeus não foi apenas um evento histórico, mas foi construída e legi-

timada por discursos antissemitas que operaram para desumanizar, marginalizar e, por fim, exterminar uma parcela da população. Foucault (2013), em *A Ordem do Discurso*, destaca que o discurso é “o poder que se quer conquistar”. Nesse sentido, ele não está isolado da materialidade social e política, sendo, na verdade, um espaço contínuo de disputa onde forças e resistências se confrontam¹. Os discursos hegemônicos nazistas tentaram impor um regime de verdade sobre a “inferioridade” judaica, mas foram confrontados por contradiscursos, como o próprio *Diário de Anne Frank*, que, mesmo escrito em segredo, se tornou um potente campo de resistência simbólica.

Intimamente ligada ao conceito de discurso, está a noção de *poder-saber*. Foucault desmistifica a ideia de poder como algo meramente repressivo ou que se manifesta apenas em ações diretas de coerção. Para ele, o poder é uma rede produtiva, capilar, que atravessa e constitui os indivíduos, operando em todas as esferas da vida social, desde as instituições até as práticas cotidianas. Não há saber sem poder, nem poder sem saber; eles se implicam e se reforçam mutuamente. O saber produzido em uma sociedade está intrinsecamente ligado às relações de poder que o tornam possível e, ao mesmo tempo, que são legitimadas por ele. A perseguição nazista, por exemplo, não se sustentou apenas pela força bruta, mas por um complexo sistema de saber (pseudocientífico, propagandístico) que justificava suas ações e moldava a percepção da realidade.

1. O discurso é entendido na teoria foucaultiana como um instrumento de controle social e um campo de resistência, onde forças e resistências se encontram e se confrontam. Em vista disso, é evidente que o discurso não está isolado da materialidade social e política, mas, ao contrário, é um espaço de disputa, onde o poder é exercido e desafiado continuamente pelos sujeitos que estão inseridos nesse contexto. Dessa forma, o discurso se configura como um elemento ativo na constituição das práticas sociais e dos sujeitos, revelando as condições de possibilidades para que determinadas verdades sejam aceitas, enquanto outras são marginalizadas, uma vez que os discursos têm o poder de criar realidades, estabelecendo normas e verdades que governam comportamentos e, conseqüentemente, as identidades (Nascimento, 2024, p. 14).

Ainda no âmbito foucaultiano, a *subjetividade* é compreendida não como uma essência inata ou um eu autônomo, mas como o resultado de processos históricos, sociais e discursivos. Os sujeitos são “dobrados” pelo poder, isto é, constituídos por relações de força e saber que definem quem eles podem ser e como podem agir. Em *Vigiar e Punir* (2014), Foucault explora como as práticas disciplinares (como o confinamento, a vigilância) não apenas punem o corpo, mas também moldam a alma, fabricando indivíduos dóceis e úteis ao sistema. No caso de Anne Frank, a experiência do confinamento e da perseguição nazista não apenas impôs limites físicos, mas também atuou profundamente na constituição de sua subjetividade, moldando seus medos, esperanças, percepções e sua própria identidade como jovem e como judia. A escrita do diário, nesse sentido, pode ser vista como uma *prática de si*, um gesto de auto constituição em meio à adversidade, onde Anne não apenas registra o mundo ao seu redor, mas se produz enquanto sujeito ativo em sua própria narrativa.

Assim, a perspectiva foucaultiana permite analisar a HQ “Anne Frank” não apenas como uma representação de um evento histórico, mas como um artefato cultural que participa ativamente da produção e circulação de discursos sobre o Holocausto, revelando os mecanismos de poder que operam na constituição da memória e da subjetividade dos envolvidos.

A teoria da adaptação de Linda Hutcheon

Em “Uma teoria da adaptação” (2013), Hutcheon oferece uma compreensão abrangente sobre o fenômeno da adaptação de obras. Contrariando a visão tradicional que frequentemente desqualifica as adaptações como meras cópias inferiores ao original, Hutcheon de-

fende que a adaptação é um modo criativo de engajamento com uma obra anterior, um processo que envolve um “contato interpretativo e criativo”. Para a autora, uma adaptação é sempre uma reinterpretação e recriação, que ocorre em múltiplos contextos culturais e históricos, e que, ao mesmo tempo que preserva elementos essenciais do texto original, os reinscreve em uma nova linguagem, para um novo público e com novos propósitos.

Hutcheon (2013) propõe que as adaptações podem ser vistas como antigos manuscritos palimpsestos, onde o texto original está presente como uma camada subjacente, mas é transformado e enriquecido pelas novas camadas de sentido adicionadas pela adaptação. Não se trata de uma “tradução” literal, mas de um processo que envolve escolhas intencionais do adaptador sobre o que manter, o que omitir e o que enfatizar ou reinventar para o novo meio e para a nova audiência. Essa perspectiva é crucial para entender como uma HQ pode adaptar um diário, transformando a prosa íntima em uma narrativa visual e textual que oferece novas possibilidades de compreensão e engajamento.

Um dos pontos centrais da teoria de Hutcheon é a ideia de que as adaptações são inerentemente repetições, mas repetições com diferença. Elas oferecem a familiaridade do original, mas introduzem elementos novos que as distinguem e lhes conferem valor próprio. No caso da HQ “Anne Frank”, essa “diferença” se manifesta na transposição de um testemunho textual para a linguagem sequencial dos quadrinhos, que integra elementos visuais (desenhos, cores, enquadramentos, balões de fala) e textuais para criar um novo tipo de experiência para o leitor. Essa materialidade visual e textual, ao reorganizar a narrativa e introduzir novos símbolos, influencia a percepção do leitor sobre o Holocausto e sobre a própria Anne Frank, conferindo-lhe uma dimensão ampliada.

Adicionalmente, Hutcheon discute o papel do contexto cultural na adaptação. Uma adaptação é produzida e recebida em um determinado momento histórico e cultural, o que inevitavelmente influencia suas escolhas e sua interpretação. A HQ de Anne Frank, produzida e publicada em 2020 (em sua versão brasileira), dialoga com as preocupações contemporâneas sobre a memória histórica, o legado do Holocausto e a importância de narrativas acessíveis para diferentes gerações, especialmente para públicos jovens.

A teoria de Hutcheon, portanto, oferece as ferramentas para analisar como a HQ de Anne Frank, como uma adaptação, não só reitera a história original, mas a reconstrói de maneira que a torna uma obra autônoma e significativa por si mesma, capaz de gerar novos discursos e novos impactos.

Interseções teóricas: discurso, adaptação e memória do Holocausto

A combinação das perspectivas de Foucault e Hutcheon revela-se particularmente frutífera para este estudo. Se Hutcheon nos permite entender a adaptação como um processo de recriação que modifica a forma e, conseqüentemente, o sentido de uma obra, Foucault nos oferece as ferramentas para investigar *como* essa recriação se insere em uma rede de discursos e relações de poder. A HQ “Anne Frank”, nesse sentido, não é apenas uma adaptação de uma obra literária para outra mídia; ela é uma prática discursiva que reconfigura e reinscreve a memória do Holocausto e a subjetividade de Anne Frank em um novo regime de verdade.

Ao adaptar o diário, a HQ opera uma transformação na materialidade da memória. O que era um registro íntimo e privado em texto se torna uma narrativa pública e visualmente mediada. Essa materia-

lidade, com seus enquadramentos, cores, sequências e composições, passa a ter o poder de formar e controlar certos entendimentos sobre o Holocausto. Por exemplo, a representação visual do confinamento não apenas ilustra o que Anne descreveu, mas produz uma sensação de claustrofobia e desespero de uma maneira que pode ser mais imediata e impactante para o leitor contemporâneo, especialmente para aqueles acostumados à linguagem visual.

A HQ, como nova prática discursiva, entra em diálogo com os discursos já existentes sobre o Holocausto e sobre Anne Frank. Ela contribui para a consolidação de certas “verdades” sobre o trauma, a perseguição e a resistência. A subjetividade de Anne Frank, por sua vez, é reinterpretada e materializada visualmente. Os elementos gráficos que retratam suas emoções, seus sonhos e seus medos não são meras ilustrações; eles são elementos discursivos que participam da construção da “Anne Frank” que o leitor da HQ percebe. Essa Anne é produto das relações de poder que a aprisionaram, mas também é um sujeito que resiste por meio da escrita e, na adaptação, por meio da sua reconfiguração visual, tornando-se um símbolo de resiliência e um convite à reflexão.

Assim, ao empreender esta análise, busca-se demonstrar que a adaptação da HQ “Anne Frank” é um campo privilegiado para observar como os discursos sobre o passado são renegociados e como a arte pode atuar como um dispositivo de memória que não só relembra, mas também interroga e resiste aos mecanismos de esquecimento e negação, reiterando a importância do testemunho e da educação histórica.

Nessa direção, a análise proposta neste ensaio caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa de natureza interpretativa, pautada na abordagem da Análise do Discurso foucaultiana e nos preceitos da Teoria da Adaptação de Linda Hutcheon. O *corpus* de análise é constituído pela HQ “Anne Frank” (Agrimbau; Mezquita, 2020), especificamente

os excertos visuais e textuais apresentados nas imagens 1, 2 e 3 da HQ, que foram selecionados por sua densidade simbólica e relevância para a discussão dos temas de memória, poder, subjetividade e confinamento.

Os procedimentos metodológicos serão desdobrados da seguinte forma: inicialmente, empreende-se uma leitura atenta e detalhada dos quadros selecionados da HQ, visando à identificação e descrição dos elementos discursivos visuais e textuais que os constitui. Concomitante ao movimento descritivo, articula-se o arcabouço teórico foucaultiano, identificando os discursos que emergem da HQ, tanto os que reiteram quanto os que questionam narrativas sobre o Holocausto, a perseguição e a resistência. Neste processo analítico, busca-se igualmente a correlação entre os elementos visuais e textuais com as relações de poder-saber, investigando como a HQ (re)produz os mecanismos de controle e disciplina que atravessam a vida de Anne e de sua família (e, por extensão, a população judaica).

Nesse percurso metodológico, serão investigadas também como as *práticas de si* (como a escrita, agora visualizada) que permitem a Anne uma forma de resistência ou autoafirmação constituição da subjetividade de Anne Frank por meio das estratégias discursivas da HQ. Ao lado disso, nosso empreendimento metodológico busca mapear a construção de “regimes de verdade” sobre o Holocausto, ou seja, como a HQ, por meio de sua estética e narrativa, contribui para que certas “verdades” sobre o trauma e a memória sejam aceitas ou perpetuadas.

Análise discursivo-foucaultiana da HQ “Anne Frank”

A HQ “Anne Frank” (Agrimbau; Mezquita, 2020) opera como um dispositivo complexo que ressignifica o testemunho original do Diário de Anne Frank, inserindo-o em uma nova prática discursiva visual.

Através de sua materialidade gráfica e textual, a obra não apenas narra os eventos históricos, mas os reelabora, constituindo modos específicos de memória e de subjetivação. Nesta seção, serão analisados excertos visuais e textuais da HQ, demonstrando como a adaptação mobiliza as relações de poder-saber e a produção de subjetividades em um novo regime de verdade, conforme as lentes foucaultianas em diálogo com as ideias Hutcheon (2013).

Subjetividade e opressão: o pesadelo como dispositivo discursivo

Pensando com Foucault (2013), uma prática discursiva não é apenas o conjunto de palavras escritas ou ditas, mas um conjunto de regras que regulam o que pode ser dito, quem pode dizer e em que condições esse discurso se legitima. O Diário de Anne Frank, nessa perspectiva, pode ser visto como uma prática discursiva porque produz sentidos sobre a experiência do Holocausto, pois não é unicamente um registro pessoal; ele participa na construção de uma memória histórica sobre a perseguição nazista e a vivência judaica naquele período. Anne Frank, mesmo sem propósito político explícito, documenta práticas sociais, culturais e afetivas que revelam como o poder nazista operava no cotidiano. Além disso, constrói uma subjetividade. Anne, ao escrever, não apenas narra fatos, mas se constrói enquanto sujeito.

Imagem 1: O pesadelo



Fonte: Agrimbau; Mezquita, 2020

Intitulada “O pesadelo” (2020, p. 41), a imagem 1 é um recorte da HQ que condensa visual e textualmente a intensa carga simbólica do estado emocional de Anne Frank diante da violência e opressão do Holocausto. A cena, estruturada de forma fragmentada, com molduras curvas que cercam cada vinheta, não apenas ilustra o conteúdo de um sonho, mas o reconfigura em um poderoso dispositivo discursivo que materializa a experiência traumática. Na perspectiva de Hutcheon

(2013), essa visualização do pesadelo representa uma recriação da experiência interior da protagonista, traduzindo a intimidade do diário em uma dimensão pública e compartilhada, mas com a especificidade da linguagem dos quadrinhos. Não é uma mera ilustração, mas uma reinterpretação que adiciona camadas de sentido.

A disposição visual dos quadros, com suas molduras curvas e o enquadramento que sugere aprisionamento e delírio, remete aos mecanismos de poder que Foucault (2014) descreve em *Vigiar e Punir*. A “prisão” não é apenas física, mas internalizada: Anne está cercada por limites intransponíveis *mesmo dentro de sua própria mente*. Essa materialidade gráfica evoca a ideia de que o poder disciplinar não se restringe à coerção externa, mas permeia e constitui a subjetividade dos indivíduos, moldando sua percepção de si mesmos e do mundo. O sonho recorrente, como indica a frase “O sonho se repete”, transforma a angústia em um ciclo traumático, evidenciando como a opressão nazista, ao se infiltrar no plano psíquico, se torna um elemento constante na formação da identidade de Anne. A HQ, portanto, visualiza a microfísica do poder operando na constituição interna do sujeito.

As escolhas cromáticas e os elementos visuais reforçam essa construção discursiva da subjetividade oprimida. A presença de tons azulados e sombrios na cena em que Anne aparece sozinha e desamparada evoca um ambiente frio e opressor, simbolizando solidão, abandono e o terror psicológico. Esse “saber” (o conhecimento da desgraça iminente) é intrínseco à experiência e se materializa nas cores. Em contraste, o quadro que apresenta figuras esqueléticas envoltas em chamas é uma alusão direta aos horrores dos campos de concentração e ao extermínio judeu, representando o terror explícito do Holocausto. A justaposição de cores frias e quentes nesse “ecossistema” visual, conforme a compreensão de Ramos (2009) sobre a interconexão das

linguagens, evidencia a oscilação entre o desespero silencioso e a manifestação brutal da violência, criando um regime de verdade sobre o impacto psicológico e existencial do genocídio. Ramos (2009, p. 17 *apud* Barbieri, 1998):

defende a premissa de que as várias formas de linguagem não estão separadas, mas, sim, interconectadas. O autor usa uma metáfora para explicar seu ponto de vista. A linguagem seria como um grande ecossistema, cheio de pequenos nichos distintos uns dos outros (que chamou de ambientes). Cada nicho (ou ambiente) teria características próprias, o que garantiria autonomia em relação aos demais. Isso não quer dizer, no entanto, que não possam compartilhar características comuns.

A imagem de Anne subindo uma escada que não leva a lugar algum simboliza a busca frustrada por uma saída, reforçando a desesperança. Essa visualização da “não-saída” é um recurso da HQ que intensifica a dimensão do desamparo de forma que o texto original, sozinho, não poderia.

A HQ, ao transpor o pesadelo de Anne para o plano visual, o transforma em um discurso que dá forma à memória do trauma. O sofrimento individual de Anne torna-se uma representação coletiva da experiência judaica sob o nazismo, inscrita em uma narrativa visual que busca perpetuar a lembrança e instigar a reflexão. Nesse processo adaptativo, a HQ reafirma o poder simbólico da obra original na constituição de subjetividades que emergem desse contexto histórico, não apenas pela reprodução do relato, mas pela sua recontextualização e intensificação visual. O ato de sonhar, antes uma experiência privada, torna-se público e discursivizado na HQ, participando da construção de um saber sobre o trauma.

A rotina como dispositivo disciplinar

A Imagem 2, intitulada “A rotina” (2020, p. 49) apresenta uma sequência de quadros que de forma contundente reforça a experiência de confinamento, desespero e impotência vivenciada por Anne e sua família. A disposição dos quadrinhos em uma grade rígida, quase como uma moldura de prisão, não é apenas uma escolha estética, mas uma estratégia narrativa que materializa a ideia de aprisionamento e controle.

Imagem 2: A rotina



Fonte: Agrimbau; Mezquita, 2020

Segundo Silva (2001, p. 02), as HQs possuem uma dimensão discursiva que vai além do conteúdo textual, explorando elementos gráficos como a organização dos quadros, o uso das cores e a simbologia visual para transmitir significados mais profundos. Nesse caso, a disposição simétrica e linear dos quadrinhos remete à própria estrutura física de uma cela, onde cada quadro funciona como uma “viga” que delimita a liberdade da personagem.

Essa discursivização visual da rotina de Anne Frank se coaduna à concepção foucaultiana de poder como algo que opera na minúcia da vida cotidiana, moldando comportamentos e impondo uma disciplina. Não se trata apenas da coerção direta, mas da regulação da vida em seus aspectos mais simples. As cenas repetitivas, com legendas como “Para o dia a dia”, “Para o medo”, “Para a esperança”, e “Para o confinamento”, enfatizam o caráter sufocante da rotina. Os efeitos do poder nazista não se manifestavam apenas nos campos de extermínio, mas também na imposição de um cotidiano de escassez e clausura, transformando gestos banais como descascar batatas (aludido na imagem da comida) em atos penosos, permeados pelo medo e pela disciplina do racionamento. A HQ, ao visualizar essa rotina, evidencia a microfísica do poder atuando no cerne da vida dos confinados, constituindo suas subjetividades em um estado de constante vigilância e restrição.

A cena em que Anne escreve diante de uma janela fechada é um elemento enunciativo da busca por uma fuga impossível, uma tentativa de conexão com um mundo exterior que permanece bloqueado. A frase “Quero fugir, mas não tenho para onde ir. Só há um lugar onde encontro refúgio...”, seguida da imagem de Peter, sugere que a escrita (o diário) e o afeto são as válvulas de escape psíquico frente ao isolamento físico. Essa “fuga” pela escrita pode ser interpretada como uma prática de si foucaultiana: um gesto de autoconstituição em meio à adversidade, onde Anne, ao narrar sua pró-

pria experiência, resiste à total aniquilação de sua subjetividade pelo poder. Na adaptação para HQ, essa prática de si se torna visual, convidando o leitor a uma imersão na experiência interna da protagonista, transformando a intimidade da escrita em uma imagem de (quase) liberdade.

A imagem dos prisioneiros sendo alvejados, que encerra a sequência, materializa a forma como a HQ constitui discursivamente o terror e a consequência brutal em que se erige o regime de poder nazista. Essa transição abrupta do cotidiano restrito para a violência explícita amplifica a dimensão do medo constante que permeia a existência dos personagens. A HQ, portanto, reestabelece sentidos sobre as condições históricas que tornaram possível certas memórias sobre o Holocausto pela articulação de elementos visuais e verbais, onde a grade dos quadrinhos e as janelas fechadas atuam como metáforas visuais do aprisionamento e da desesperança. A adaptação, nesse sentido, conforme Hutcheon (2013), não é apenas uma cópia, mas uma recriação que utiliza os recursos próprios do meio para aprofundar a compreensão da dimensão psíquica do confinamento, afetando a percepção do tempo, da rotina e das formas de esperança, e construindo um regime de verdade sobre a onipresença do poder no Holocausto.

Questionando a ordem discursiva

A Imagem intitulada “Quem nos marcou assim?” (2020, p. 63) é uma das sequências enunciativas mais emblemáticas da HQ, pois condensa a crítica à violência e à construção da alteridade no contexto do Holocausto, ao mesmo tempo em que articula uma forma de resistência discursiva. O enunciado imagético mostra os amigos e familiares de Anne posicionados sobre a Estrela de Davi, símbolo de identidade judaica e, paradoxalmente, de perseguição imposta.

Imagem 3: “Quem nos marcou assim?”



Fonte: Agrimbau; Mezquita, 2020

A perspectiva vista de cima e o enquadramento circular sugerem um isolamento coletivo e uma condição de alvo, reforçando a ideia de que a identidade judaica se tornou, sob o regime nazista, um signo de exclusão e perigo. Foucault (2008), ao discutir como o discurso forma objetos, nos permite entender que a imposição da estrela de Davi não foi meramente um marcador, mas um dispositivo de poder-saber que desumanizava e “fabricava” o “outro” digno de desprezo e extermínio, instituindo um regime de verdade sobre a “inferioridade” judaica.

A legenda que acompanha a imagem, com as perguntas “Quem nos causou tanto sofrimento até chegar a esse ponto? E por quê?”, é o ponto nodal da articulação foucaultiana neste recorte. Essas questões não são apenas expressões de incompreensão e injustiça; elas constituem um contradiscurso, um ato de rebelião simbólica contra o discurso hegemônico nazista. Ao questionar a origem do sofrimento e a razão da perseguição, a HQ, por meio da voz de Anne e seus companheiros, desestabiliza a aparente “naturalidade” ou “legitimidade” da violência imposta. Foucault (2008) afirma que o discurso “não é simplesmente (como) aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por meio do qual, e com o qual, se luta; é o poder que se quer conquistar” (p. 68). Nesse sentido, as perguntas da HQ são um elemento na luta discursiva, buscando desvelar as premissas implícitas do poder, que neste caso é opressor, e exigir uma justificativa para o sofrimento injustificado.

Para Thompson (1995, p. 204 apud Carvalho, 2007, p. 57), uma obra pode adquirir legitimidade ao receber um valor simbólico que é reconhecido tanto por aqueles que detêm posição privilegiada para atribuí-lo, quanto por aqueles que respeitam essa posição. Nesse sentido, a adaptação de O Diário de Anne Frank para HQ alcança esse grau de legitimação ao se apresentar como uma forma de arte que preserva a memória de um período histórico dramático e, ao mesmo tempo, dialoga com um público amplo. Conforme Viana (2008, p. 03), “[...] as HQs são produtos sociais, constituídos por empresas e criadores que geram, num determinado contexto social e histórico, as histórias que são transmitidas via quadrinhos.” No caso em questão, esse contexto histórico e social é o da Segunda Guerra Mundial, e a transmissão do testemunho de Anne Frank adaptada por meio da linguagem dos quadrinhos, a qual expande a recepção da obra original, tornando-a acessível a diferentes faixas etárias e a novos leitores.

A forma como a HQ discursiviza as personagens reunidas nesse espaço demarcado e lançando uma pergunta fundamental, o quadrinho não só destaca a condição de segregação, mas também a capacidade de questionamento e de resistência discursiva dos sujeitos. Nessa perspectiva, a HQ “Anne Frank”, em consonância com a teoria da adaptação de Hutcheon (2013), não é uma mera “cópia” do original. Ela é uma recriação que, ao mobilizar a linguagem visual e textual dos quadrinhos, intensifica o impacto emocional e a compreensão dos eventos narrados. Ao transformar o registro íntimo do diário em uma poderosa materialização discursiva do sofrimento e da inquisição, a HQ participa ativamente da construção de um regime de verdade sobre o Holocausto que não se limita a fatos, mas convoca à reflexão e à contestação. A estrela de Davi, nesse contexto, torna-se um símbolo multifacetado: um marcador de identidade, um signo de perseguição e, na reconfiguração da HQ, um emblema da capacidade de resistência e de questionamento dos discursos dominantes, conferindo à obra uma dimensão política e social que reverberará no leitor, instigando uma memória ativa e crítica.

Considerações finais

As reflexões desenvolvidas ao longo deste ensaio evidenciam a complexidade e a riqueza presentes na adaptação em HQ do *Diário de Anne Frank*, revelando-a como um potente artefato cultural que transcende a mera transposição de um texto para outra mídia. Ao articular os conceitos de prática discursiva, adaptação e memória histórica, a presente análise demonstrou que a HQ “Anne Frank” (Agrimbau; Mezquita, 2020) opera como uma nova prática discursiva, reconfigurando a memória do Holocausto e a subjetividade da protagonista em face das relações de poder e saber que permearam o período nazista.

A perspectiva foucaultiana permitiu compreender como o discurso, longe de ser um simples reflexo de uma realidade preexistente, constitui um campo de disputas onde as relações de poder se exercem, produzindo e sendo produzido pelos sujeitos que o praticam. Nesse sentido, o *Diário de Anne Frank*, em sua forma original, já se configura como uma importante *prática de si* e um contradiscurso à opressão. Sua transposição para a linguagem dos quadrinhos, conforme analisado, não apenas retrata um contexto histórico dramático, mas também se converte em uma estratégia de resistência e produção de sentidos sobre o Holocausto. A materialidade visual da HQ, com suas escolhas cromáticas, enquadramentos e sequências, intensifica a experiência de confinamento (Imagens 1 e 2), visualizando o poder em sua tecitura microfísica que se infiltra na subjetividade de Anne e transforma a rotina em um dispositivo disciplinar.

Adicionalmente, a análise da Imagem 3 demonstrou como a HQ articula um contradiscurso explícito, utilizando o símbolo da estrela de Davi e questionamentos diretos para confrontar os regimes de verdade impostos pelo nazismo. As perguntas “Quem nos causou tanto sofrimento até chegar a esse ponto? E por quê?” não são apenas retóricas; elas são um ato de insurreição discursiva que busca desvelar e contestar as premissas implícitas da violência ideológica, reiterando a força do discurso como “o poder que se quer conquistar”.

A teoria da adaptação proposta por Hutcheon (2013) foi crucial para fundamentar que a HQ de Anne Frank é uma recriação que, embora preserve a essência do testemunho pessoal, o reinscreve em uma linguagem visual com recursos próprios. Essa adaptação não é uma “cópia” inerte, mas uma repetição com diferença que mobiliza elementos gráficos e textuais para intensificar o impacto emocional e a compreensão dos eventos narrados. O caráter intermediático da

HQ, portanto, confere-lhe uma dimensão ampliada, capaz de alcançar novos públicos e promover um engajamento distinto com a memória do Holocausto. Ao dar forma visual ao trauma e à resistência, a HQ contribui para a construção de um regime de verdade que reafirma a barbárie do genocídio e a resiliência humana, instigando uma reflexão crítica sobre o passado e suas implicações para o presente.

Por fim, este estudo reforça a importância das HQs como produtos culturais legitimados, capazes de mobilizar discussões históricas, ideológicas e sociais de maneira profunda e acessível. Ao abordar a experiência de Anne Frank por meio de uma linguagem híbrida de texto e imagem, a adaptação não só conserva a força do testemunho original, mas o projeta em novos espaços discursivos, mantendo vivo o legado de Anne e a urgência de lembrar, resistir e repensar as estruturas de poder que ainda hoje produzem exclusão e violência. A HQ “Anne Frank” não é apenas um registro da memória, mas um convite à ação, uma ferramenta pedagógica e política que impulsiona a formação de uma consciência crítica diante da história e dos desafios contemporâneos.

Referências

CARVALHO, Beatriz Siqueira de. *O processo de legitimação cultural das histórias em quadrinhos*. 2017. 176 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 02 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 23ed. São Paulo: Loyola, 2013.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 42ed.

Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

AGRIMBAU, Diego; MEZQUITA, Fabián. *Anne Frank em quadrinhos*.

Tradução de Paloma Bianca Alves Barbieri; Jandira, SP: Principis, 2020.

HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da adaptação*. Tradução de André

Cechinel. 2ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013.

NASCIMENTO, João Victor Cavalcante do. *A constituição do sujeito*

nordestino nas dublagens cinematográficas: uma análise discursivo-

foucaultiana. 2024. 41 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em

Letras-Português) – Faculdade de Linguística, Letras e Artes, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2024.

RAMOS, Paulo Eduardo. *A leitura de quadrinhos*. São Paulo: Contexto,

2009.

SILVA, Nadilson M. da. Elementos para a análise das Histórias em

Quadrinhos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DA COMUNICAÇÃO, 24,

2001, Campo Grande. *Anais [...]*. Campo Grande: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2001.

VIANA, Nildo. O que Dizem os Quadrinhos? *Sociologia. Ciência & Vida*, v.

17, p. 53-62, 2008.

Recebido em: 21/08/2025

Aprovado em: 29/08/2025

Licenciado por

